



RELISE

RELAÇÃO DO EMPREENDEDORISMO COM O ASSOCIATIVISMO: UM ESTUDO ACERCA DO PERFIL DOS ASSOCIADOS, AÇÕES E DIFERENCIAIS COMPETITIVOS EM UMA ASSOCIAÇÃO DE APICULTORES NO ESTADO DO PIAUÍ¹

Joiciane Rodrigues de Sousa²

Dayane da Silva Rodrigues de Souza³

RESUMO

Um conjunto de problemas emergentes, sobretudo das relações entre o homem, o trabalho e as desigualdades socioeconômicas favoreceu o surgimento do associativismo, como resposta às necessidades demandadas pela coletividade. Nesse mesmo contexto, o empreendedorismo também teve grande repercussão, e o empreendedor passou a ocupar posição notória, a partir de suas características singulares agregando valor aos negócios. Com o intuito de investigar possíveis relações entre associativismo e empreendedorismo, essa pesquisa analisou aspectos compatíveis com o empreendedorismo dentro de uma Associação de Apicultores do Estado do Piauí, com ênfase no perfil dos associados, ações empreendedoras e diferenciais competitivos. Dessa forma, esse estudo possui uma abordagem qualitativa e utilizou questionário, entrevista e observação como instrumentos de coleta de dados. Com isso, foi possível identificar que a maioria dos associados possuem algumas características relacionadas com o perfil empreendedor, mas sem interesse para o empreendedorismo individual. Também identificou-se que as ações empreendedoras da Associação estão em consonância com os problemas da população local, correspondendo, de certa forma, às características do empreendedorismo social. Além disso, detectou-se ações relevantes no sentido de fomento ao empreendedorismo, como a oferta de qualificação para os associados, inovação e a constante busca e manutenção de rede de contatos e parcerias, fatos que proporcionam diferencial competitivo para a Associação.

Palavras-chave: associativismo, desigualdades socioeconômicas, empreendedorismo, coletividade, competitividade.

¹ Recebido em 12/08/2019.

² Universidade Federal do Piauí. joicianerodrigues123@gmail.com.

³ Instituto Federal do Piauí. dayane.rodrigues@ifpi.edu.br.

Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo, v. 4, Edição Especial: Facetas do Empreendedorismo, p. 157-185, set, 2019

ISSN: 2448-2889



RELISE

158

ABSTRACT

A set of emerging problems, especially the relations between man, work and socioeconomic inequalities favored the emergence of associations, as a response to the needs demanded by the community. In this same context, entrepreneurship also had great repercussions, and the entrepreneur began to occupy a notorious position, based on its unique characteristics adding value to the business. In order to investigate possible relations between associativism and entrepreneurship, this research analyzed aspects compatible with entrepreneurship within a Piauí State Beekeepers Association, with emphasis on the members' profile, entrepreneurial actions and competitive differentials. Thus, this study has a qualitative approach and used questionnaire, interview and observation as data collection instruments. Thus, it was possible to identify that most members have some characteristics related to the entrepreneurial profile, but without interest to individual entrepreneurship. It was also identified that the Association's entrepreneurial actions are in line with the problems of the local population, corresponding, in a way, to the characteristics of social entrepreneurship. In addition, relevant actions were identified in order to foster entrepreneurship, such as offering qualifications to members, innovation and the constant search and maintenance of contact and partnership networks, facts that provide competitive advantage for the Association.

Keywords: associativism, socioeconomic inequalities, entrepreneurship, collectivity, competitiveness.

INTRODUÇÃO

Diante dos desafios enfrentados por várias sociedades, no sentido de combater às desigualdades socioeconômicas, o empreendedor social surge como um ator que pode colaborar com a diminuição dessas discrepâncias presentes na sociedade, propiciando a partir de suas ideias e ações, a distribuição equitativa de recursos para os indivíduos de uma determinada região à qual pertencem. De certa forma, essa atuação é semelhante ao movimento do associativismo, o qual segundo Gouvêa et al. (2013, p. 4) atua como sendo “um núcleo representante dos interesses comuns, promovendo



RELISE

trocas de experiências, desenvolvimento, integração e oportunidade de negócios”.

Com isso, a atividade humana passa a ter sua força propulsora para o desenvolvimento quando organizada coletivamente, pois, produz resultados mais significativos que podem colaborar para a solução de problemas econômicos e sociais. E como afirmam Bassi e Perazzo (2009, p. 13), “os movimentos sociais são destacados como agentes de mudanças e dessa forma, contribuem positivamente para o desenvolvimento de uma localidade”.

Desse modo, é notória a importância do associativismo, considerado neste artigo como uma forma de empreendedorismo social, pois trabalha com a concepção de negócios sem fins lucrativos e na busca de uma vida melhor para o grupo de pessoas envolvidas, como também para o desenvolvimento do local em que se encontram. Fundamentados nessa lógica, esse estudo, levantou a seguinte problemática: como o perfil empreendedor dos associados e as ações empreendedoras de uma associação podem contribuir para a transformação da realidade social dos próprios associados e da comunidade ao redor?

Assim, por perceber que tanto o empreendedorismo, quanto o associativismo têm grande importância para o desenvolvimento social e econômico do país, esta pesquisa teve o objetivo principal de analisar como se configura a presença do empreendedorismo dentro de uma associação de apicultores no interior do Piauí, e como objetivos secundários, identificar o perfil empreendedor dos participantes da associação, conhecer algumas ações consideradas empreendedoras que são executadas na associação; investigar o diferencial competitivo da associação e avaliar como essas ações contribuem para o desenvolvimento dos membros e da própria associação.

Esse trabalho está dividido em sete seções, começando com esta introdução, seguindo com o referencial teórico, o qual está dividido nos tópicos:



RELISE

160

empreendedorismo: conceitos e características gerais; associações comunitárias no âmbito rural e empreendedorismo em negócios sem finalidades lucrativas. Na terceira seção será apresentada a metodologia da pesquisa, posteriormente serão expostos os resultados e discussões dos resultados e por fim, as considerações finais, e as referências bibliográficas utilizadas.

REVISÃO TEÓRICA

Empreendedorismo: conceitos e características gerais

A primeira definição de empreendedorismo é creditada a Marco Polo (DORNELAS, 2001), sendo o empreendedor aquele que assume os riscos de forma ativa. E foi na França que o termo empreendedor (*entrepreneur*) surgiu, caracterizando-se como a pessoa que tomava decisões e as coordenava, essas características demonstram a diversidade de características presentes em uma pessoa com as características designadas de perfil empreendedor.

O empreendedor é um formador de contatos, dessa forma, atua como um agente particularizado, com aberturas para produções inovadoras por meio de parceiros que o auxiliam. Também, ainda podem-se evidenciar alguns limites ao se referir ao assunto, por exemplo, o envolvimento em um ambiente representado por um impulsivo sistema de mudanças, no qual a inovação corresponde a uma das partes mais importante do empreendedorismo (VALE et al., 2008).

Segundo Dornelas (2001, p. 21), o momento atual corresponde “à era do empreendedorismo” e terá uma continuidade de grande dimensão futura. De acordo com o mesmo, são os empreendedores que estão diminuindo os entraves comerciais e culturais existentes, onde atuam limitando espaços, aproximando e melhorando os conceitos econômicos, concebendo outras



RELISE

redes de trabalho e novos ofícios, rompendo padrões e criando riquezas para a sociedade para alcançarem os objetivos traçados.

Muitos pensam que os empreendedores são natos, já nascem para o sucesso, mas na verdade o empreendedorismo pode ser ensinado e aprendido por qualquer pessoa, mas para isso exige muita força de vontade dos interessados, e uma forma de desenvolver as habilidades requeridas é através da qualificação na área em questão. De acordo com Drucker (2006), assim como outras disciplinas, o empreendedorismo pode ser aprendido. Sendo assim, o empreendedorismo é determinado quando criança e pode ser desenvolvido em qualquer momento da vida, desde que tenha a vontade, a oportunidade e a necessidade de executar.

O conceito de empreendedor está relacionado a atitudes e ações de uma pessoa no sentido de detectar oportunidades, criar e gerir negócios de forma inovadora e bem sucedida. Além desses atributos, Lima et al. (2006) afirmam que autoconfiança, autonomia, busca de informações, capacidade crítica, capacidade de correr riscos, capacidade de planejamento, cooperação, criatividade, flexibilidade, iniciativa, inovação, liderança, persistência e paixão são características fundamentais para o perfil de um empreendedor.

As características atribuídas aos empreendedores são importantes para este estudo, pois demonstram peculiaridades que podem ser observadas na maioria dos empreendedores, e assim ajudar a traçar um perfil das pessoas que se arriscam a empreender, e também orientar aos futuros empreendedores em relação a aptidões que podem ajudá-los a obter o sucesso almejado em qualquer situação vivenciada.

Dessa forma, podemos compreender que no desenvolvimento de práticas associativas, o empreendedorismo também pode estar presente e contribuir para o alcance dos objetivos, pois o associativismo é uma forma diferenciada de colocar uma ideia em prática, envolve várias pessoas e



RELISE

162

representam iniciativas importantes para a obtenção de oportunidade e mudança de cenários, já que muitas vezes é a única alternativa viável para acesso à formalidade, e a união de pessoas favorece a tomada de decisão, a obtenção de recursos produtivos, tornando-se uma fonte de extrema relevância para as pessoas que tem a força de trabalho, mas não têm recursos ou os possuem de modo escasso, além disso, a união no formato de associação proporciona o desenvolvimento de ideias de forma mais eficiente, eficaz e competitiva (VARELLA e PLATIAU, 2003).

Associações comunitárias no âmbito rural

Conforme Carvalho (2000), as organizações sociais não são essencialmente homogêneas, pois compreendem uma diversidade de organizações com peculiaridades diferentes como grêmios, organizações beneficentes, organizações não governamentais e associações, que são controladas pelos seus participantes, correspondendo ao estudo deste trabalho na temática relacionada aos produtores do campo que sofrem adversidades no processo de produção e venda de seus produtos.

Uma associação é uma organização de pessoas com objetivos comuns, desempenhando importantes e complexas funções por meio de estatutos e regimentos, podendo executar atividades geradoras de renda, contando que toda a renda proveniente de suas atividades seja revertida para o cumprimento dos seus objetivos estatutários (RICCIARDI & LEMOS apud MATTOSINHO et al., 2010). É importante destacar que o associativismo se expandiu, sobretudo, na zona rural, pois se tornou um caminho viável para as pessoas que tenham poucas oportunidades, começarem a colaborar com o desenvolvimento socioeconômico do corpo social local onde vivem de maneira coletiva e ativa (KERSTENETZKY, 2003).



RELISE

163

Essa necessidade de trabalho em grupo para atingir os objetivos particulares segundo Ferreira Junior (2014) é uma característica interna à humanidade desde sua origem quando produziam para subsistência de forma simples, surgindo formas elementares de ocupação coletiva como, por exemplo, a utilização comum de meios de produção, e persistindo até hoje, como forma indispensável na continuação positiva de alguns tipos de agrupamentos populacionais específicos.

Dessa forma, a junção dos pequenos produtores em associações torna realizável a obtenção de matérias-primas, máquinas e instrumentos com preços mais baixos, e há um esforço maior para o alcance de vantagens partilhadas, como o compartilhamento dos gastos com a assessoria técnica, modernizações e treinamentos, contribuindo para uma melhor aquisição das necessidades requeridas dentro da associação do qual fazem parte (KUNZLER e BULGACOV, 2011).

É de extrema importância para o alcance dos resultados almejados pela associação, que os associados conheçam os princípios básicos que regem o associativismo, pois eles são a ponte que proporciona as relações e a convergência de objetivos entre os componentes e a própria associação. Meinen e Port (2014) descrevem esses princípios como sendo: adesão voluntária e livre; gestão democrática pelos sócios; participação econômica dos sócios; autonomia e independência; educação, formação e informação; cooperação entre associações/cooperativas e interesse pela comunidade.

Nesse mesmo sentido, Albuquerque (2003) enfatiza que o associativismo atua com finalidade de representar e defender os interesses dos seus associados, buscando estimular a melhoria técnica, profissional e social, sinalizando um conjunto de ações realizadas por pessoas mobilizadas a superar dificuldades em função de um interesse comum, para conseguir melhores condições de vida e a continuidade do grupo organizado.



RELISE

Consoante às características citadas no tópico anterior pode-se inferir que iniciativas como o associativismo possuem várias características inerentes ao empreendedorismo, pois, normalmente elas buscam colocar em prática ideias de várias pessoas, em prol da melhoria da qualidade de vida dos membros destas associações, e assim acabam estimulando uma consciência empreendedora e o desenvolvimento de aptidões essenciais que coadunam com a de empreendedores de sucesso em todos ambientes, inclusive para aqueles do setor agrícola.

A formação e o desenvolvimento de micro corporações de produtores são planos de ações claros e capazes de colaborar com a constituição de ofícios para o desenvolvimento e crescimento econômico de uma região. Entretanto, por conta da possibilidade de mortalidade das mesmas, ocasionado por fatores mercadológicos e com o intervencionismo do governo que direciona suas atividades mais para a produção de commodities (COSTA et al., 2015), torna-se importante que a gerência das mesmas converta-se, cada vez mais no sentido do empreendedorismo, a fim de procurar novas maneiras para a sua manutenção e sustentabilidade no mercado concorrido em que se encontram (LEGLER e SILVA, 2008; DORNELAS, 2001).

Empreendedorismo em negócios sem finalidades lucrativas

Quando falamos de empreendedorismo social, estamos buscando um novo protótipo. O objetivo não é mais o negócio do negócio refere-se ao negócio do social, que tem na sociedade civil o seu principal foco de atuação e na parceria envolvendo comunidade, governo e setor privado, a sua estratégia, onde o lucro não é o foco principal, em que atua como uma das consequências na busca do bem estar grupal, que é à base dessa forma de empreendedorismo (MELO NETO e FROES, 2002).



RELISE

E levando em consideração as peculiaridades e a função social, podemos relacionar o associativismo ao empreendedorismo social, pois ambos andam na mesma sintonia, embora sejam negócios legalmente diferentes.

Os autores Zen e Fracasso (2008 apud Motta e Shimada, 2015) sugerem que o empreendedor social nasce nesse contexto digital da sociedade, em meio a muitas desigualdades de grande parte da população, onde surge este tipo de empreendedor principalmente preocupado com as demandas sociais não satisfeitas pelo poder público e/ou empresas capitalistas, sendo assim são indivíduos que querem ser agentes de mudança da própria história e da comunidade onde vivem. Para a Organização das Nações Unidas (ONU), o empreendedorismo social apresenta-se como uma das saídas para a miséria no mundo, o que de fato se comprova na prática desse setor (ONU, 2009).

Destacamos que são sujeitos que não buscam em primeiro lugar o lucro, isso é consequência dos seus esforços, no qual Mair e Marti (2006) afirmam que tem no valor econômico apenas condição necessária para sustentar a viabilidade financeira do empreendimento.

Conforme diz Dolabela (2003), o empreendedor social é um insatisfeito que transforma seu inconformismo em descobertas e propostas positivas, sendo alguém que prefere seguir caminhos não percorridos, não deixando de ter algumas das mesmas características do empreendedor tradicional. Características estas evidentes é a criatividade para promover mudanças sociais de longo alcance em seus campos de atividade, são inovadores sociais que deixarão sua marca na história e correm riscos razoáveis em favor das pessoas às quais a organização serve (OLIVEIRA, 2004).

Como base social garante a solidariedade, viabiliza o surgimento de empreendimentos cooperativos, em um processo de transformação da



RELISE

166

sociedade que se caracteriza pela presença dos seguintes elementos (MELO NETO e FROES, 2002, p. 41):

- a) aumento do nível de conhecimento da comunidade local com relação aos recursos existentes, capacidades e competências disponíveis em seu meio; b) aumento do nível de consciência da comunidade com relação ao seu próprio desenvolvimento; c) mudança de valores das pessoas que são sensibilizadas, encorajadas e fortalecidas em sua autoestima; d) aumento da participação dos membros da comunidade em ações empreendedoras locais; e) aumento do sentimento de conexão das pessoas com sua cidade, terra e cultura; f) estímulo ao surgimento de novas ideias que incluem alternativas sustentáveis para o desenvolvimento; g) transformação da população em proprietária e operadora dos empreendimentos sociais locais; h) inclusão social da comunidade; i) melhoria da qualidade de vida dos habitantes.

Assim, mais uma vez podemos constatar o quanto o associativismo se aproxima do empreendedorismo social, por suas funções, objetivos e modos de atuação. E dessa forma, tanto os empreendedores quanto os associados possuem características que promovem mudanças sociais de longo alcance em seus campos de atividade, sendo inovadores, persistentes, colaborativos, e deixando sua marca na história, correndo riscos calculados em favor das pessoas as quais a organização ampara.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para chegar ao esperado, inicialmente realizou-se uma revisão da literatura através de livros, artigos, revistas, teses, dissertações com finalidade de adquirir embasamento teórico relacionado ao tema do problema de pesquisa. Dessa maneira, teve-se início com a identificação e seleção das fontes bibliográficas que apresentaram alguma relação com o tema estudado. Depois, foi feito um aprofundamento desse material para interpretá-lo e organizar a parte escrita do referencial teórico e também elaborar o material da pesquisa usado no campo. Para isto, procedeu-se conforme sugerido por Gil



RELISE

167

(1999, p. 85): “identificar as informações e os dados constantes dos materiais, estabelecer relações entre essas informações e dados e o problema proposto, analisar a consistência das informações e dados apresentados pelos autores”.

A pesquisa refere-se a um estudo qualitativo que conforme cita Richardson (2012, p. 90) “pode ser caracterizada como a busca por uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos”, embora utilize algumas informações quantitativas para complementar as circunstâncias avaliadas. Também tendo peculiaridades exploratórias, pois, segundo Vergara (2000), este tipo de pesquisa procura desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, no sentido de permitir a formulação de problemas mais precisos para estudos posteriores, no qual é um tema complexo para ser explorado totalmente em uma única pesquisa, ademais é descritiva, onde segundo Gil (2009), há a intenção de descrever particularidades de determinados eventos, analisando os dados com o intuito de estabelecer relações detalhadas dos dados obtidos.

A pesquisa foi realizada na Associação dos Apicultores do Povoado Barro Vermelho, no município de Paulistana do Piauí, fundada por iniciativa do presidente atual, que ocupava o cargo no período corrente da realização deste estudo. Inicialmente a associação tinha como objetivo fundamental a organização da produção local do mel. As principais atividades desenvolvidas na associação são a produção e distribuição do mel, e, mais recentemente, começaram a diversificar com a produção de palmas, mas ainda sem finalidade comercial.

Os participantes da pesquisa foram os próprios associados da Associação ora destacada, sendo que dentre os 49 membros, foi possível a



RELISE

168

participação de 24 deles, além do presidente da associação, ambos convidados pessoalmente para a participação na pesquisa.

Para obtenção dos resultados foi utilizado como instrumento de pesquisa, um questionário com 18 perguntas, uma entrevista semiestruturada com 21 perguntas, ambos elaborados pelos autores da pesquisa, aplicado com os associados e com o presidente respectivamente, de forma presencial, ademais também foi realizada a observação. A partir desses instrumentos avaliou-se o perfil socioeconômico e empreendedor dos associados, a percepção dos associados sobre a associação e suas atividades, além disso, foram avaliadas as características empreendedoras do presidente e o seu modo de atuação, ações empreendedoras e diferenciais competitivos, ambos relacionados à associação.

A análise dos resultados foi feita a partir de técnicas subjetivas para a entrevista e análises de conteúdo para os questionários aplicados com os associados, utilizando-se da estatística descritiva por meio da frequência e algumas correlações entre as variáveis analisadas no questionário utilizando o programa estatístico Stata 13.0, onde segundo Figueiredo Filho e Silva Junior (2010), a correlação é uma medida que analisa a associação linear entre variáveis quantitativas, nesse trabalho utilizou-se a de Pearson (r), que varia de -1 a 1, no qual o sinal indica a direção positiva ou negativa do relacionamento entre as variáveis.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Perfil socioeconômico dos participantes

Os participantes da pesquisa representam 49% dos associados da Associação, mais o presidente da Associação. A partir destes dados, observou-se que apesar da associação possuir um número razoavelmente estável de



RELISE

169

associados, a presença nas reuniões nem sempre contam com todos, como constatou-se no momento da execução desta pesquisa, que também era um dia de reunião, na qual menos da metade se fizeram presentes.

As idades dos participantes da associação variam de 19 a 80 anos, sendo a média de idade 48,45 anos, com isso identificou-se que dos 24 associados que responderam ao questionário, apenas (4,2%) possui menos de 20 anos, fase que como afirma Pochmann (2003), os jovens enfrentam dificuldades para entrar no mercado de trabalho e nele se manterem, uma vez que são inexperientes, e ainda estão em fase de escolaridade, sendo que corresponde a apenas um associado de 19 anos. Mesmo assim, demonstra uma diversificação de perfis etários, em que a maioria dos associados está em uma faixa etária entre 20 e 60 anos (62,8%), período que normalmente surgem responsabilidades pessoais e familiares (MONTEIRO, 2014) Além disso, um resultado interessante foi à presença significativa de associados, com idade entre os 60 e 80 anos, fase no qual muitos estão se aposentando, entre os participantes desta faixa 29,2%, fato que demonstra que mesmo após a aposentadoria muitos idosos ainda optam por continuar na associação, sendo justificado por participarem desde a fundação da associação, identificação com a atividade, gostar de participar da associação, dentre outros citados. Segue abaixo tabela com a idade dos associados:

Tabela 1 - Idade dos Respondentes

Idade	(%)
Menor que 20 anos	4,2%
Maior ou igual a 20 e menor que 40 anos	37,7%
Maior ou igual a 40 e menor que 60 anos	25,1%
Maior ou igual a 60 anos	33%

Fonte: Elaborado pelos próprios autores (2019).

Mais da metade dos participantes correspondem ao sexo masculino, cerca de (59%), esse resultado demonstra o que já é percebido em outras associações da mesma natureza, no qual já faz parte de um processo cultural



RELISE

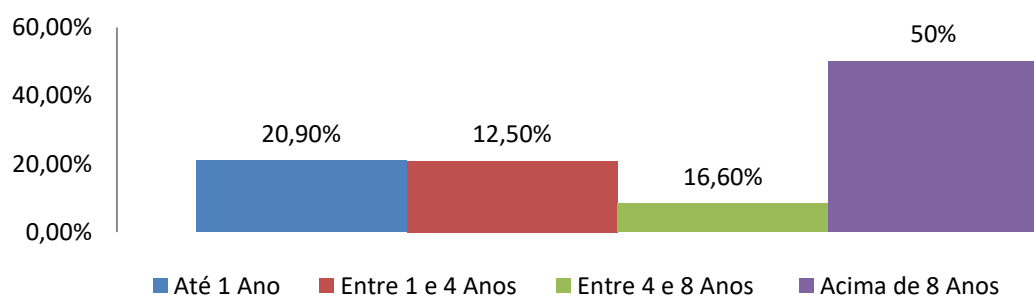
170

cravado há muito tempo na história das associações de apicultura, no qual segundo Oxfam Brasil (2016), apesar do avanço das mulheres no campo, a participação ainda continua sendo majoritariamente masculina.

Outro resultado está relacionado com a escolaridade dos participantes, a qual não é muito elevada, mas a maioria é pelo menos alfabetizado (33,33%) ou tem ensino fundamental incompleto (41,66%), como o grau de instrução da maioria era relativamente baixo, os pesquisadores tiveram dificuldades em aplicá-la, principalmente devido a empecilhos como: problemas de visão e sem boa prática de leitura, ademais, um dos entrevistados era analfabeto, revelando que outros métodos de pesquisa deveriam ter sido aplicados para favorecer a condição dos participantes.

Continuando a descrever o perfil dos associados, analisamos a raça dos mesmos, onde os entrevistados em sua maioria se consideram negros ou pardos, (66,7%) e (25%) respectivamente, sendo fundamentado por ser uma região de descendência quilombola e esses são os traços da região, apenas duas pessoas se autodeclaram amarela e branca.

Gráfico 1 – Período de Participação dos Respondentes na Associação



Fonte: Elaborado pelos próprios autores (2019).

Foi possível constatar outro dado importante que é em relação ao período de tempo na associação, sendo que grande parte dos associados (50%) está a mais de 10 anos e, destes, a maioria estão desde a fundação da associação, sendo que a associação possuía 12 anos de fundação na data da



RELISE

171

pesquisa. Foi constatado também que mais da metade já tinham participado de outras associações (75%), e destes, apenas 33,3% já tinham experiência com a produção de mel antes de entrar na associação, justificando o aproveitamento de forma efetiva desta oportunidade existente na região a partir da inauguração dessa instituição de representação social.

A renda também é outro fator importante visto que 11 dos 24 entrevistados possuem renda média menor que um salário mínimo, 10 pessoas possui renda entre um e dois salários mínimos e apenas três possuem renda maior que dois salários mínimos.

Em uma análise de correlação entre as variáveis analisadas no perfil socioeconômico (idade, raça, sexo, renda, experiência), apenas a idade e renda mostrarão uma correlação positiva (0,7059), ou seja, nesta amostra analisada, à medida que a idade aumenta, a renda na maioria das vezes aumenta também, fato que não está relacionado com rendimentos da associação, e sim porque as pessoas com mais idade possuem outras rendas provenientes de outras fontes, como aposentadoria (29,2% dos participantes), ou programas sociais (33,3%), e até mesmo outras atividades remuneradas (54,2%). Contudo ainda não é possível fazer nenhuma conclusão de causalidade com outros fatores relacionados ao perfil socioeconômico. Percebe-se que mesmo exercendo outras atividades remuneradas fora da associação (45,8%) dos associados recebem mensalmente menos de um salário mínimo, nessa avaliação pode se observar que apesar de exercerem outras atividades remuneradas fora da associação, existe um número elevado com renda muito baixa (menos que um salário mínimo).

Ainda para concluir a análise do perfil socioeconômico, destaca-se 8,3% dos associados tem como único rendimento, somente as vendas dos produtos da associação, portanto, destacamos a importância da associação na participação da renda das famílias da região, onde a oferta de emprego é muito



RELISE

172

escassa e destaca-se a relevância do empreendedorismo social na melhoria da vida dos mesmos.

Perfil empreendedor dos associados

Neste quesito, utilizou-se como base de referência, algumas características associadas ao perfil empreendedor, conforme Dornelas (2001), Drucker (2006) e Lima et al. (2006) para a elaboração do questionário, predominando a simplicidade e clareza nas perguntas, por conta do grau de escolaridade identificado a priori na associação. Assim, as principais características aplicadas foram: o planejamento, trabalho em equipe, inovação, criatividade, tomada de decisão, capacidade de assumir riscos, visão de futuro e rede de contatos, pois conforme os autores estudados, estes atributos podem ser essenciais para o desenvolvimento de empreendedor, obtendo assim maiores possibilidades de sucesso.

Embora, seja sabido que a simples auto declaração sobre esses atributos não sejam determinantes para que uma pessoa seja empreendedora, elas são importantes, assim como a atitude, pois conforme (SOUZA et al., 2013, p. 232), esta é uma “conduta voltada para o próprio homem, suas ações, visões do mundo e formas de transformar a realidade”, dessa maneira, essa conduta é que faz com que as coisas aconteçam e se alcance os objetivos traçados em qualquer realidade no qual o indivíduo esteja inserido, e o fato destas pessoas se associarem para desenvolverem uma ideia já é bastante significativo para relacioná-los a empreendedores e fazer florescer a proposta deste trabalho.

Conseguiu-se identificar através das repostas, três aspectos unânimes: consideram a associação importante para a inclusão na sociedade e para o desenvolvimento local; gostam do trabalho em grupo e do envolvimento existente entre todos; e acham importante a busca de parceria para apoiar a



RELISE

173

associação, demonstrando o reconhecimento da importância da associação, do inter-relacionamento com outras pessoas e da formação de rede de contatos, importantes para o desenvolvimento de empreendimentos coletivos. Segue abaixo tabela com alguns resultados relacionados com a percepção deles em relação à associação para uma análise mais aprofundada do assunto, dispostas em algumas perguntas com respostas dicotômicas, entre sim e não.

Tabela 2 – Características Empreendedoras Relacionadas com a Associação

Perguntas	Sim	Não
Considera-se de alguma forma empreendedor? (Seja no ambiente familiar, no desempenho de suas funções na associação ou em qualquer outra atividade).	70,8%	29,2%
Costuma fazer planos para o futuro seja a curto, médio ou longo prazo?	87,5%	12,5%
Se surgir algum problema na associação, tenta buscar maneiras de resolvê-lo?	79,2%	20,8%
Considera importante a busca por novos avanços e o aprimoramento dos métodos de produção?	83,3%	16,7%
Acha que a associação pode produzir outros produtos além do mel para inserir no mercado, podendo ser até derivados do mesmo?	79,2%	20,8%
Costuma contribuir com novas ideias durante as reuniões?	79,2%	20,8%
Acha importante o incentivo por parte dos representantes da associação aos associados para abrir seu próprio negócio?	87,5%	12,5%
É capaz de abrir mão da associação e arriscar abrir um negócio próprio caso apareça alguma oportunidade?	25%	75%
Existe mercado para a expansão dos produtos produzidos na associação?	91,7%	8,3%
Acha importante que a associação busque maneiras para aumentar o número de vendas dos seus produtos?	95,8%	4,2%
Considera importante buscar sempre melhorar o processo de marketing?	91,7%	8,3%
Costuma buscar informações novas a respeito de diversos conteúdos todos os dias?	58,3%	41,7%

Fonte: Elaborado pelos próprios autores (2019).

As respostas dos respondentes atenderam às expectativas da pesquisa, demonstrando que a maior parte dos associados declarou possuir características importantes relacionadas ao empreendedorismo, sendo que (70,8%) deles afirmaram serem empreendedores, (87,5%) afirmaram fazerem planejamento, (79,2%) estão sempre engajados a resolverem os problemas que surgem na associação, (83,3%) consideram-se inovadores, e (58,3%) procuram sempre se manter informado que é muito importante na formação do



RELISE

174

perfil empreendedor, e um dos fatos mais relevantes encontrados nesta análise é que o empreendedorismo individual não é o objetivo principal deles, ou seja, apenas (25%) dos entrevistados consideram possuir o interesse de sair da associação para abrir o próprio negócio, esse fato é de extrema importância para a formação da associação, pois o sucesso desse tipo de organização depende da vontade dos participantes de se manterem unidos, não apenas pelo quesito renda, mas também pela identificação e satisfação com a atividade desenvolvida em equipe, sendo um fator que favorece a manutenção da associação e o equilíbrio da convivência entre os associados, demonstrando assim que a associação constituiu um espaço criativo e autônomo não só de realização profissional, mas também pessoal (MELO NETO e FROES, 2002; SOARES MIGUEL, 2008).

Também foi analisado se esse comportamento de se manter unidos poderia estar relacionado com a idade, mas além de não haver correlação, observou-se que entre os que responderam pensar em abrir o próprio negócio, (50%) possuem mais de 60 anos, já estão aposentados e possuem renda superior à maioria dos associados (2 salários mínimos ou mais). Então, buscou-se analisar outras variáveis e constatou-se que apenas 8,3% dos associados dependem exclusivamente da renda da associação, fato que pode contribuir para a manutenção do status de associado.

A análise mostrou ainda a existência de uma correlação média positiva entre as variáveis empreendedor (autodeclaração do associado) e inovador, resolução de problemas (0,45 e 0,57 respectivamente), correlação positiva entre quem sempre está buscando inovação e as variáveis planejamento, inovação e resolução de problemas, e uma forte correlação positiva entre as variáveis planejamento e inovação (0,73), e nenhuma correlação entre associados que pretendem abrir o próprio negócio e a inovação. Estes dados são importantes por demonstrar a presença de variáveis simultâneas que



RELISE

reforçam ou enfraquecem o perfil empreendedor, concluindo-se que muitas das pessoas que se dizem empreendedoras precisam também desenvolver outras habilidades essenciais para o sucesso das suas ideias empreendedoras.

Por fim, nota-se que os associados podem ser considerados, de certa forma, empreendedores, pois são donos do negócio, desenvolvem ideias, assumem riscos cotidianamente em sua atividade e contribuem para o êxito das ações da associação, pois conforme Custódio, Tófoli e Nogueira (2011), o empreendedor, por meio de sua criatividade e inovação, cria estratégias que contribuem para o sucesso de um empreendimento e os autores Schmidt e Bohnenberger (2009, p. 7) complementam afirmando que “determinadas características empreendedoras estão associadas ao desempenho das organizações”.

Percepção dos associados sobre a associação e sua atividade

Os associados afirmaram de forma unânime, gostarem de participar da associação, principalmente pelo trabalho em grupo desenvolvido na associação e do envolvimento existente entre todos os participantes, outra informação de suma importância foi que (50%) responderam que a motivação para participar da associação foi por gostar da atividade que iriam desempenhar, sendo muito importante para o bom desempenho das funções de qualquer ocupação, evidenciando que grande parte tem paixão pelo que faz, correspondendo a uma forte característica empreendedora, como cita Dornelas (2001), a cultura empreendedora é direcionada na paixão pelo negócio.

Além de que, todos consideram a associação importante para inclusão e desenvolvimento local, fato também reforçado quando a maior parte afirmou não possuir interesse de sair da associação para abrir o próprio negócio. Contudo, a forma como os associados percebem a associação também se torna importante para sua permanência e sucesso dos objetivos firmados,



RELISE

176

conforme o SENAR (2011), essa permanência ocorre quando há o compartilhamento de objetivos, busca de soluções próprias, conseguem buscar para si a responsabilidade e vivenciam os resultados alcançados fazendo com que se fortaleça a autoestima, a autoconfiança e o senso de comunidade.

Nesse contexto, notou-se que os associados consideram a associação inovadora (79,2%), com possibilidades de expansão das atividades sociais e econômicas (91,7%), mas que para isso precisam melhorar a ampliação do seu mercado de atuação e vendas (95,8%), marketing (91,7%), e as parcerias (100%). Percepções que demonstram a consciência dos participantes também sobre a função econômica da associação, fator que se coaduna com uma das principais motivações iniciais de boa parte (45,8%) dos participantes em associarem-se, que é de obterem oportunidade de gerar renda para a família.

Em relação à satisfação em participar da associação, todos afirmaram estar satisfeitos, mas com ressalvas, sendo que (37,5%) afirmam não terem perspectivas de mudanças, (37,5%) continuam em busca de novas oportunidades inclusive dentro da associação e (25%) estão dispostos a aceitarem novos desafios que ultrapassem os muros da associação.

Características do presidente voltadas para ações empreendedoras da associação

De início buscou-se obter a percepção do presidente da organização sobre o que ele entendia a respeito do tema de empreendedorismo e conforme o mesmo “empreendedor é aquele que tem seu próprio negócio e está sempre se inovando” e, para ele a associação é um ato de empreendedorismo, pois além da associação ser um negócio de todos os associados, “a associação está sempre procurando se inovar e aumentar a produção com novas técnicas, por isso tem atitudes empreendedoras”, demonstrando que o mesmo tem algum conhecimento do assunto abordado, pois para Silva (2014, p. 8), o



RELISE

empreendedorismo engloba “o processo de criação, inovação”. Também condiz com Custódio, Tófoli e Nogueira (2011), os quais afirmam que a presença do empreendedor se torna cada vez mais essencial nas organizações, quando estas organizações mensuram a necessidade constante de desenvolver a criatividade, a inserção de novas possibilidades, e a criação de uma nova postura de trabalho. Assim como o presidente, esses autores apresentam a inovação e a criatividade como foco para o empreendedorismo.

Também demonstrou seu papel de liderança perante a associação, como enfatizado por Sousa e Santo (2010), a incumbência de um líder está tanto na solução de problemas, como também ultrapassando esse limite e indo além, deve encontrar-se ativo frente às transformações ambientais, e com isso adequar às mesmas, solucionando os empecilhos e dedicando-se pelo bem estar da entidade no qual está conduzindo, onde durante todo o tempo da entrevista o presidente mostrou preocupação em primeiro lugar com o bem estar da população da região que antes da associação, sofria para conseguir vender os produtos e obter a renda aspirada, por conta dos atravessadores que tinham maior poder de barganha.

Também é possível inferir que o presidente tem as características essenciais de um empreendedor de sucesso como: criatividade, planejamento, inovação, capacidade de assumir riscos, trabalho em equipe, motivação, rede de contatos, persistência, paixão pelo que faz e papel de liderança, que conforme Lima et. al. (2006), estes traços são elementares na constituição de um perfil empreendedor.

Após explanar as características empreendedoras vale salientar que o presidente possui as características de empreendedor social, pois corroborou que foi o responsável pela fundação da associação com o intuito de formalizar a produção de mel que era feita de forma informal e tinha como objetivos principais levar melhorias para a comunidade local e melhorar a renda das



RELISE

178

famílias. Como existem outras associações que produzem o mesmo produto ele informou que sempre estão tentando desenvolver métodos mais eficazes na produção, demonstrando que a inovação é um ponto chave para o agrupamento, em conformidade com Anastacio, Cruz Filho e Marins (2018), no qual apresentam que os empreendedores sociais buscam oportunidades, focam na inovação e possuem muita ousadia.

Segundo o presidente da associação, esta recebeu avaliação positiva do mercado consumidor que é a Casa APIS de Picos Piauí, com certificado de melhor produto orgânico da região. Também relatou a existência de planos para desenvolver novos produtos e conseguir novos consumidores.

O presidente ainda afirmou que traçam estratégias para enfrentar a concorrência e ganhar mais espaço em um mercado que julga concorrido, para que assim os associados consigam transformar suas realidades, e viver bem de forma conjunta com o apoio de todos, onde de acordo com Vasconcelos e Lezana (2012), o objetivo do empreendimento social é desenvolver significado social através da inovação e organização socioeconômica, fazendo uso de recursos monetários para atuar com a responsabilidade de buscar o melhor para a sociedade e para o grupo ao qual pertence, o que condiz com a atuação do presidente na associação.

Também ficou registrado que o presidente fez questão de enfatizar que a organização e o comprometimento de todos, “a união do grupo” são primordiais, para a consecução dos resultados almejados pela associação e a oferta de produtos de qualidade.

Além disso, ainda foi possível constatar que a associação fomenta o treinamento dos associados através de palestras e Mini Cursos em parceria com o SEBRAE, visando à superação dos desafios impostos e atendendo a um dos princípios essenciais do associativismo, que é o da “educação, formação e informação”. Destacou, inclusive, que há incentivo para os associados que



RELISE

179

querem empreender individualmente, através de cursos e palestras que desenvolvam suas habilidades técnicas e intelectuais através de parceiros como o SEBRAE e o IFPI através do Campus da cidade, além de orientações para fazer empréstimos com parceiros como o Banco do Nordeste por meio do Crediamigo e Agroamigo.

Por fim, Baggio e Baggio (2015) reiteram que o empreendedorismo social demanda singularmente de um relacionamento entre comunidade, governo e setor privado, fundamentado em parcerias, com isso gera como consequência final a garantia da qualidade de vida social, cultural, econômica e ambiental a comunidade consoante à perspectiva de perpetuação dos resultados positivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as discussões deste estudo foi possível compreender que tanto o empreendedorismo social como o associativismo são muito importantes para o desenvolvimento socioeconômico de uma região, pois correspondem à união de várias pessoas com objetivos comuns, e embora sejam organizações juridicamente diferentes, ambas desenvolvem ideias que podem caminhar juntas.

Por conseguinte, representam um forte caminho a ser seguido pelas pessoas que vivem em locais onde a oferta de emprego é escassa, como os respondentes deste estudo que estão à procura de uma vida melhor para a sua família e para a localidade em que vivem, já que conseguem uma força maior quando organizados coletivamente, produzindo assim resultados mais significativos para o todo, pois propiciam com suas ideias e ações a distribuição equitativa dos recursos, no qual o lucro não é a finalidade principal desse tipo de organização, mas uma consequência dos esforços submetidos em busca da satisfação do coletivo.



RELISE

180

Com base no que foi pesquisado podemos inferir também que a maioria dos associados possui algumas características fortemente desenvolvidas e compatíveis com o perfil empreendedor, porém a maioria significativa não possui interesse em desenvolver o empreendedorismo individual, um fato interessante e que pode ser favorável para o desenvolvimento da organização, pois a motivação em permanecer unido e o sentimento de gostar do que se faz é um fator essencial para o sucesso de qualquer tipo de negócio.

Ademais, vale destacar que existem ações empreendedoras praticadas pelos associados e pelo presidente da associação, no qual, possuem uma força de vontade extraordinária para alcançar os objetivos e metas traçados pelo aglomerado, e mudar a realidade em que vivem, correspondendo a características do empreendedorismo social. Suas ações estão voltadas para a solução dos problemas da região como a escassez de emprego e a dificuldade de gerar renda pelas famílias com a produção de mel, ocasionado principalmente pela interferência dos atravessadores que causam enfraquecimento do poder de negociação dos produtores.

Além disso, o presidente tem um papel considerável no desempenho da associação, possuindo atributos de empreendedor social, fortemente desenvolvidos, no qual a liderança e a inovação apresentaram-se com mais ênfase, foi ele quem idealizou a ideia e abertura dessa instituição e incentiva a união do grupo, colaborando para as ações empreendedoras da associação.

Ainda, sempre desenvolve ações na busca de melhorias para o grupo por meio de seu conhecimento e de suas experiências, além de incentivar os associados a se desenvolverem, pois o empreendedorismo pode ser ensinado e aprendido por qualquer pessoa, desde que tenha vontade. Dessa forma, incentiva à busca de novas oportunidades por meio de parcerias seja dentro da



RELISE

181

associação ou fora desse ambiente, confirmando assim a presença dos atributos de liderança no presidente.

Enfatizamos ainda, outras ações da associação como a busca de qualificação para os associados, a busca por inovação e manutenção de rede de contatos com parceiros que são fatos que definem o diferencial competitivo para a organização, onde estão sempre em busca de melhorias para seus processos de produção e distribuição do mel e para o desenvolvimento dos associados como profissionais. São essas ações que favorecem o desenvolvimento tanto dos associados como da organização no contexto em que estão inseridos.

Portanto, a presente pesquisa não se esgota aqui, pois o estudo pode ser mais aprofundado, sugerindo continuidade em futuros trabalhos, pois sempre haverá espaço para novas pesquisas acerca da relação do empreendedorismo social com o associativismo, e a importância do desenvolvimento de características empreendedoras nesse público alvo, diante do contexto social do qual fazem parte. E dessa maneira, contribuiu com a expansão da base de dados acadêmicos sobre esse tema. Além do mais, vale destacar que todos os objetivos traçados de início no trabalho foram alcançados com êxito.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, P. F. Associativismo. In: CATTANI, A. D.(Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

ANASTACIO, M. R.; CRUZ FILHO, P. R. A.; MARINS, J. **Empreendedorismo Social e Inovação Social no Contexto Brasileiro**. Paraná: PUCPRESS, 2018.



RELISE

182

BAGGIO, A. F.; BAGGIO, D. K. Empreendedorismo: Conceitos e definições. **Revista de empreendedorismo, inovação e tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2015.

BASSI, C. S.; PERAZZO, P. F. Projeto empreender nas associações comerciais e industriais da região do ABCD. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 3, n. 1, p. 65-79, 2009.

CARVALHO, C. A. P. Preservar a identidade e buscar padrões de eficiência: questões complementares ou contraditórias na atualidade das organizações não governamentais?. **REAd: Revista Eletrônica de Administração**. Porto Alegre. ed. 14, v. 6, n. 2 documento eletrônico, 2000.

COSTA, B. A. L. et al. As cooperativas de agricultura familiar e o mercado de compras governamentais em Minas Gerais. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 53, n. 1, p. 109-126, 2015.

CUSTÓDIO, T.P.; TÓFOLI, E.T.; NOGUEIRA, A.B. Empreendedorismo: um estudo sobre a importância do empreendedorismo como estratégia de negócio na empresa Fenix Locações e Eventos. **Revista Científica do Unisaesiano**, Lins, São Paulo, a.2, n.4, p.36-44, jul/dez, 2011.

DOLABELA, F. **Empreendedorismo, uma forma de ser**: saiba o que são empreendedores individuais e empreendedores coletivos. Brasília: Aed, 2003.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: Transformando Idéias em Negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

DRUCKER, P. F. **O homem que inventou a administração**. São Paulo: Campus, 2006.

FERREIRA JUNIOR, H. W. S. **A relação entre trabalho e educação através de análise do movimento histórico nas formações sociais primitivas e escravistas**. Campinas: Unicamp, v. 10, n. 05, 2014.

FIGUEIREDO FILHO, D. B.; SILVA JUNIOR, J. A. Desvendando os Mistérios do Coeficiente de Correlação de Pearson (r). **Revista Política Hoje**, v.18, n.1, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa** (4. ed.). São Paulo: Atlas, 2009.



RELISE

183

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999, 197p.

GOUVÊA, A.B.C.T.; SILVEIRA, A.; MACHADO, H.P.V. Mulheres Empreendedoras: Compreensões do Empreendedorismo e do Exercício do Papel Desempenhado por Homens e Mulheres em Organizações. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 2, n.2, p. 32-54, 2013.

KERSTENETZKY, C. L. Sobre associativismo, desigualdades e democracia. **Revista brasileira de ciências sociais**, v.18, n.53, p. 131-180, 2003.

KUNZLER, M. T.; BULGACOV, S. As estratégias competitivas e colaborativas e os resultados individuais e coletivos no associativismo rural em Quatro Pontes (PR). **Revista de Administração Pública**, v. 45, n. 5, p. 1363-1393, 2011.

LENGLER, L.; SILVA, T. N. Sustentabilidade, empreendedorismo e ooperação em associações de apicultores da região central do Rio Grande do Sul. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 2, n. 3, p. 40, 2008.

LIMA, M.; SANTOS, S.; DANTAS, A. Propensão ao empreendedorismo dos alunos do ensino fundamental: um estudo comparativo com alunos do 7º e 8 séries entre instituições de ensino municipais e privadas de Maceió. **Anais do XXVIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, Curitiba, Brasil, 25-29 de setembro de 2004, 2006.

MAIR, J.; MARTI, I. Social entrepreneurship research: A source of explanation, prediction, and delight. **Journal of world business**, v. 41, n. 1, p. 36-44, 2006.

MATTOSINHO, C. M. S.; FREIRE, P. P.; CARVALHO, M. C. V. O empreendedorismo no âmbito das associações rurais de incentivo governamental. Campo Grande, **Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, 25 a 28 de julho de 2010.

MEINEN, E.; PORT, M. **Cooperativismo financeiro, percurso histórico, perspectivas e desafios**: De cooperativa de crédito a principal instituição financeira do associado. Editora Confedbrás, 2014.

MELO NETO, F. P. de; FROES, C. **Empreendedorismo social**: a transição para a sociedade sustentável. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.



RELISE

184

MONTEIRO, R. A. P. A importância do trabalho na transição para a vida adulta. **Desidades: Revista Electrónica de Divulgación Científica de la Infancia y la Juventud**, v. 2, n. 4, p. 20-29, 2014.

MOTTA, K.F.; SHIMADA, N.E. Empreendedorismo social e organizações do terceiro setor: um ensaio teórico sobre as convergências e divergências e o papel da ação social neste contexto. **Empreendedorismo, Gestão e Negócios**, v. 4, n. 4, Mar. 2015, p. 70-87.

OLIVEIRA, E. M. Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios–notas introdutórias. **Revista da FAE**, v. 7, n. 2, 2004. Organização das Nações Unidas – ONU. **Desenvolvimento Sustentável**, 2009.

OXFAM BRASIL. **Terrenos da desigualdade: Terra, agricultura e desigualdade no Brasil rural**, 2016.

POCHMANN, M. (Org.). **Outra cidade é possível: alternativas de inclusão social em São Paulo**. São Paulo: Cortez, 2003.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas - S.A, 2012.

SCHMIDT, S.; BOHNENBERGER, M. C. Perfil empreendedor e desempenho organizacional. **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, v. 13, n. 3, p. 450-467, 2009.

SENAR - Serviço nacional de Aprendizagem Rural. **Associações rurais: práticas associativas, características e formalização / Serviço Nacional de Aprendizagem Rural**. -- Brasília: SENAR, 2011. 56p. : il.; 21 cm -- (Coleção SENAR; 153).

SILVA, A. C. A. **Perfil empreendedor: as principais características e os tipos de um empreendedor de sucesso**, 2014.

SOARES MIGUEL, D. O Associativismo como alternativa para a geração de trabalho e renda. **Cidadania e ação: revista de extensão e cultura**. Florianópolis, 2008.



RELISE

185

SOUSA, J. P. S.; SANTO, E. E. Uma análise dos estilos de liderança Organizacional. **Biblionline**, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 160-169, 2010.

SOUZA, E. C. L. D. et al. Atitude Empreendedora: Validação de um instrumento de medida com base no Modelo de Resposta Gradual da Teoria da Resposta ao Item. **Revista Administração Mackenzie (RAM)**, São Paulo, SP, v. 14, n. 5, p. 230-251, set./out. 2013.

VALE, G.V.; WILKINSON, J.; AMÂNCIO, R. Empreendedorismo, inovação e redes: uma nova abordagem. **RAE- eletrônica** - v. 7, n. 1, Art. 7, jan./jun. 2008.

VARELLA, M. D.; PLATIAU, A. F. Estímulo ao associativismo no Brasil: algumas propostas de políticas públicas. **Revista de Informação Legislativa** (p. 319-333) - Brasília a. 40 n. 159 jul./set. 2003.

VASCONCELOS, A. M. de; LEZANA, A. G. R. Modelo de ciclo de vida de empreendimentos sociais. **Revista de Administração Pública**, v. 46, n. 4, p. 1037-1058, abr. 2012.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2000.